

# PET EDUCAÇÃO FÍSICA/UFSC: HISTÓRIAS DE 10 ANOS DE HISTÓRIA <sup>1</sup>

Lisandra Invernizzi (1)  
Patrícia Boaventura (1)  
Gabriella Dutra (1)  
Roberta Müller (1)  
Bruno B. Silva (1)  
Rafael Goes (1)  
Rafael A. Gaspar (1)  
Rafael M. Spinelli (1)  
Vitor Carneiro (1)  
Arthur G. Lasagno (1)  
Sabrina Vicente Medeiros (1)  
Daator Patrick da Costa (1)  
Fabiana Cristina Turelli (2)

- (1) Acadêmicos do Curso de Licenciatura em Educação Física da UFSC e Bolsistas do Programa de Educação Tutorial – Grupo PET Educação Física/UFSC.
- (2) Licenciada em Educação Física pela UFSC, aluna de Mestrado em Educação/UFSC, e ex-bolsista do Programa de Educação Tutorial – Grupo PET Educação Física/UFSC.

**RESUMO:** o texto relata pesquisa realizada pelo Grupo PET Educação Física/UFSC, na passagem do 10º aniversário da criação do Grupo, em 2005, visando colher a opinião dos ex-bolsistas do Grupo a respeito do significado da experiência de ter sido petianos/as, colhida através de questionário respondido por 50% dos ex-alunos. A análise de conteúdo permitiu estabelecer, entre outros aspectos, que ter sido bolsista contribuiu tanto para a ampliação da formação acadêmica quanto para o despertar para uma formação cidadã.

## INTRODUÇÃO

Desde seu surgimento, em 1979, o Programa de Educação Tutorial – então Programa Especial de Treinamento (PET) – vive envolto em contraditória situação: revela-se um excelente programa de formação diferenciada para estudantes de graduação e, por isso mesmo, é criticado! Avaliações externas feitas a pedido do MEC quando este pretendia encerrar o PET concluíram que se tratava da melhor iniciativa brasileira no âmbito da graduação e o mais efetivo programa desenvolvido então pela CAPES. Essa condição decorria do fato de ser um programa permanente, de longo prazo e permanência, balizado por critérios de qualidade, integrando o ensino à pesquisa e à extensão no âmbito da graduação.

---

<sup>1</sup> Pesquisa coletiva realizada pelos bolsistas do Grupo PET Educação Física/UFSC, orientada pelo tutor do Grupo, prof. Giovanni De Lorenzi Pires (bolsista PET/SESu/MEC). Contatos: [pet@cds.ufsc.br](mailto:pet@cds.ufsc.br)

As condições especiais necessárias ao seu funcionamento, todavia, eram (e ainda são!) vistas com desconfiança pela comunidade acadêmica, tanto por professores quanto por acadêmicos não-bolsistas, sob a acusação de discriminação e elitismo. No decorrer dessa trajetória, a partir de novo capítulo representado pela passagem do PET para a SESu, desde o ano 2000, surgiu o interesse de se examinar que diferencial de formação acadêmica e pessoal é produzido, efetivamente, pela experiência petiana no ensino de graduação. Neste sentido, associado à comemoração da passagem dos seus dez anos de criação em 2005, o PET Educação Física/UFSC resolveu conhecer a opinião dos seus ex-bolsistas, desenvolvendo esta pesquisa coletiva que teve ainda o objetivo de criar um banco dados de todos aqueles que, ao longo destes dez anos, fizeram/fazem sua parte nesta história (GRUPO PET EDUCAÇÃO FÍSICA/UFSC, 2004).

O estudo pode ser caracterizado como uma pesquisa de enfoque exploratório e descritivo, tendo como objetivo tentar compreender, por meio dos depoimentos de egressos do Programa, se e como a experiência de ter sido bolsista PET pode ter contribuído para um melhor aproveitamento das oportunidades curriculares e extra-curriculares de formação no âmbito da graduação, e que consequências pessoais e profissionais podem ser atribuídas a esta participação.

As informações foram recolhidas por meio de um questionário com dez questões abertas e fechadas, distribuídas em quatro seções previamente estabelecidas: a) formação acadêmica, b) atuação profissional, c) formação cultural e d) considerações gerais. O questionário foi enviado por e-mail aos 34 ex-bolsistas que passaram pelo Grupo no período de 1995 a 2004, com retorno de 50% (amostra = 17). Com este recorte, nenhum bolsista no ano de 2005, portanto coautor da pesquisa, foi também seu sujeito. Uma tarefa anterior foi a de identificar e localizar todos os ex-bolsistas, para organizar um banco de dados com informações a seu respeito, seguido então da aplicação do questionário.

A seguir, os depoimentos foram lidos e, por meio de análise de conteúdo (BARDIN, s/d), evidenciaram-se as unidades de registro e de contexto que compõem as categorias. Do conjunto das respostas, destacaram-se seis categorias de análise: *ampliação da visão da área e de perspectivas/inserção profissional; visão diferenciada por parte dos colegas e professores; desenvolvimento e articulação com o ambiente acadêmico; aprendizado da convivência e do trabalho em grupo; bolsas de estudo; formação*, subdividida em *específica* e *ampliada*. As categorias foram então discutidas, à luz de argumentos conceituais sobre as possibilidades de formação ampliada do ensino de graduação, e da função sociocultural da universidade.

## DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS

De acordo com as respostas analisadas, construímos a categoria **ampliação da visão da área e de perspectivas/inserção profissional**, que emerge das discussões trazidas pelos ex-bolsistas. Assim, buscamos analisar os aspectos recorrentes apontados nas entrevistas, desenvolvendo Unidades de Contexto relacionadas à categoria mencionada.

Um dos aspectos sobre o tema foi que se integrar ao PET possibilitou aos ex-bolsistas do Grupo em sua formação, um entendimento da Educação Física de uma forma mais ampla, em toda sua complexidade. Parte do entendimento da área como um meio para intervenção social, assim

como pensa o homem de forma integral, para evitar dualismos como os colocados predominantemente em nossa sociedade, como a divisão corpo-mente, indivíduo e sociedade, a exemplo da resposta de um ex-bolsista: *Pude ver a Educação Física como ela é e as possibilidades que ela tem, fugindo dos estereótipos impostos pela sociedade, um Homem que sente, que pensa e age de forma integral sem dualismos.*

Outra questão levantada acerca da categoria se expressa a partir de um ex-bolsista que fala: *tenho a convicção de não ter feito só o Curso de Educação Física, acho que fiz vários outros cursos em um só, pela oportunidade que temos de ampliarmos nossa formação não só de ‘aparatos técnicos’ mas de uma formação mais humana, ética e cultural.* Fica clara a relação da experiência petiana com a interdisciplinaridade; a Educação Física não se constitui de uma área isolada, os conteúdos da mesma estão integrados a diversas áreas, bem como há uma relação de diálogo na construção de objetos de estudo entre Educação Física, a sociedade e outras áreas, aspectos esses que normalmente não são desenvolvidos em sala de aula.

Estas mudanças de perspectivas na visão da área, também resultaram em transformações em relação a perspectivas de atuação, tanto sobre as possibilidades de inserção em diversos campos de trabalho, quanto acerca de uma atuação de melhor qualidade nestes diversos campos.

Na categoria **visão diferenciada por parte dos colegas e professores**, os ex-bolsistas comentam que ao participar do PET, os petianos passam por cobranças por parte dos colegas de classe e ainda mais por parte dos professores: *Primeiramente o olhar dos colegas já não era o mesmo para com você – agora eles estavam vendo você como “petiano”, uma espécie de mito da graduação. Os professores também, ao reconhecer você como petiano, lhe atribuem um tratamento peculiar, como se você tivesse o dever de ser melhor do que os outros. Sinceramente, às vezes isso causava um mal estar. Pessoalmente, repercutiu muito bem. Sem querer me gabar, mas eu achava o máximo ser bolsista PET – uma experiência e tanto.*

Como vemos, tal situação provoca sentimentos contraditórios: se o pré-conceito, ao olhar o petiano, pode gerar maiores cobranças e constrangimentos, também pode despertar um sentimento de orgulho nos mesmos. Lembrando que, nos primeiros anos do Programa, nos anos 80, os bolsistas do programa tinham garantia de concessão de bolsa caso ingressassem no mestrado. Hoje não existe mais este direito, mais o “mito de melhor aluno” perdura até os dias de hoje e provém da situação desta época.

As experiências petianas, especialmente aquelas que proporcionam aos bolsistas uma vivência ampliada e diferenciada em relação aos demais acadêmicos, parecem caracterizar um currículo oculto na formação dos bolsistas, conforme preconiza Michael Apple (1982). Conforme este autor, todo o currículo acadêmico é composto de uma parte visível ou proferida, que se expressa nos diversos documentos, programas e assentamentos curriculares, e uma parte oculta, isto é, não relatada por exemplo no histórico escolar, mas que é determinante daquilo que se costuma denominar de formação ampliada.

A convivência dentro de um grupo de pessoas que são, por um lado, parecidas, dado que todas estão ali para estudar, mas que são, por outro lado, diferentes, visto que têm preferências – estas decorrentes de experiências anteriores – por coisas distintas e não possuem sempre interesses comuns, é, sem dúvida bastante enriquecedora. Nos questionários respondidos pelos petianos, não

raro encontramos passagens que se referem ao **aprendizado da convivência e do trabalho em grupo**, às amizades conquistadas, assim como destaques à importância que ganhou o aprendizado adquirido por meio, ou advindo da convivência.

*Conviver com mais onze pessoas foi um excelente exercício de paciência, responsabilidade, companheirismo e respeito; além dos bolsistas (cada qual com suas idéias) tínhamos o privilégio de ter o (...) como tutor; de tudo o que nos ensinou, para mim o que ficou marcado foi o EXEMPLO. (Depoimento).*

Neste meio, deparamo-nos, do mesmo modo que petianos de dez, cinco ou dois anos atrás, com uma relação de identidade e também de antagonismo. Quer dizer, ao mesmo tempo em que cada um quer fazer contar o seu ponto de vista, apresentando-o ao grupo, precisa ter em mente a *posição* de todos, isto é, dos outros onze membros que compõem o grupo. Com isso, é preciso, de certa maneira, integrar uma relação de cumplicidade, em que, mesmo a opinião do grupo não sendo condizente com a minha, como indivíduo, preciso incorporá-la. Trata-se de uma democracia entre treze pessoas (incluindo o professor tutor) que refletem suas práticas – pelo menos espera-se que assim seja.

Encontramos ainda nas respostas aos questionários, *expressões* de petianos que disseram se sentir bem como integrantes de um “grupo de bons alunos”. É fato que o PET busca trabalhar por uma formação diferenciada, que deveria ser a promovida para toda a Universidade, mas os tais “bons alunos” não podem assim ser considerados tendo em conta apenas notas.

A educação tutorial promove a consciência crítica e a autonomia. Atuar ao lado de “bons alunos” apenas não basta. Até mesmo porque, aluno, etimologicamente significa “sem luz”, e ser “bom aluno” talvez expresse a passividade no *recebimento* de informações. Essa expressão refere-se, em outras palavras, a uma visão e concepção ingênuas do que pode ser, e das possibilidades de que dispõe a educação tutorial – note-se a importância da intervenção do tutor, portanto. Atualmente, a *filosofia petiana* procura proporcionar aos demais alunos da graduação o que lhe cabe (ao PET e sua *filosofia*), contribuindo, com isso, para a melhoria da formação acadêmica.

Detectamos nos questionários que a categoria **bolsas de estudos** era algo que contava a favor do PET, fazendo com que mais pessoas se interessassem por passar a integrá-lo. No mundo capitalista, receber por algo conta muito, e no caso dos estudos, que nem sempre são tidos como uma forma de trabalho, “receber para estudar”, além de ser *atraente*, contribuiria para fortalecer a imagem do programa de elite que o PET assumia.

Tendo em mente que quando o PET/EF/UFSC foi criado, em 1995, as bolsas na Universidade eram mais escassas, e ainda, que a bolsa do PET acabava por impressionar, tanto pelo valor (à época) quanto porque se tratava (e ainda o é) de uma bolsa permanente até o final do curso, o estímulo da bolsa também contribuía para o desejo de integrar o Grupo.

*Contávamos com uma bolsa, ou seja éramos incentivados a estudar. Com toda esta condição seria um desperdício não tentar o ingresso, já que como sabe-se decorrente disso temos muitas oportunidades. (depoimento).*

Um outro fator a ser destacado que diz respeito a configuração atual das bolsas do PET, é o valor das mesmas. Quando Cláudio de Moura Castro, então Presidente da CAPES, criou o PET em 1979, concebia-o como um programa que *formaria* indivíduos mais bem qualificados, tanto para o mercado de trabalho, como, subjetivamente para poderem exercer a cidadania (MÜLLER, 2004). No entanto, este objetivo só se tornou realmente observável, quando houve a mudança do PET para a SESu, ocorrendo alterações de seu formato primeiro.

Cláudio de Moura Castro priorizava uma formação por meio de atividades de pesquisa; para isso ser possível, a bolsa PET equiparava-se quase à bolsa de mestrado (a bolsa do mestrado é hoje aproximadamente três vezes mais alta que a do PET) e garantia, ainda, que, tendo o ex-bolsista sido aprovado em um curso de mestrado, contaria com uma bolsa também neste, independentemente da classificação, a ser paga pelo próprio programa.

A categoria *desenvolvimento e articulação com o ambiente acadêmico* diz respeito às contribuições positivas e negativas do PET na formação de uma visão política, que entenda a Educação Física no conjunto das áreas, dos centros no conjunto da universidade e da universidade no conjunto da sociedade. Resumindo, discorre sobre a contribuição do PET nas relações dos petianos com as instituições.

Dentro desta categoria, podemos identificar algumas unidades de contexto, que funcionam nesta análise como subcategorias da categoria principal deste tópico. São elas: *mobilização política para a garantia da universidade pública; participação em esferas políticas como conselhos, departamentos, centro acadêmico e interpet; estudo sobre o currículo do curso; conhecimento da estrutura política nacional; comprometimento com a melhoria da sociedade.*

Quanto à mobilização política para a garantia da universidade pública, podemos perceber que a filosofia e a própria história do programa refletem esta grande mobilização política. As lutas constantes pela não extinção do PET e o comprometimento com o ensino de graduação trazem para o grupo o compromisso social da garantia de uma educação de qualidade. Este compromisso irá extrapolar os limites do curso para abranger a universidade, buscando obter resultados em âmbito macro, superando a antiga lógica elitista.

Entrecruzando com esta unidade de contexto, observamos um maior conhecimento da estrutura política nacional e comprometimento com a melhoria da sociedade. Pensar uma educação de qualidade pressupõe lutar para a melhoria da sociedade e para integrar-se este processo de lutas é preciso conhecer a estrutura política nacional. Neste sentido, por ser um programa de âmbito nacional, o PET possibilita uma maior discussão sobre as esferas da sociedade e em sua organização exige uma certa burocracia que se remete à própria estrutura política. Ao adquirirem essa visão política, passam a discutir assuntos ligados a ela, uma vez que o curso por si só não oferece essa oportunidade. Tornam-se mais críticos no decorrer de suas experiências no PET e mais atuantes na comunidade acadêmica, participando em esferas políticas como conselhos, departamentos, centro acadêmico e interpet.

O estudo sobre o currículo do curso pode proporcionar não só para os petianos, mas também para os alunos em geral, uma melhoria nas disciplinas oferecidas, tornando o curso um dos mais conceituados no âmbito nacional. O ingresso no PET facilita um intercâmbio de informações com professores pesquisadores, possibilitando que os alunos aprofundem seus conhecimentos e

desenvolvam o gosto pela pesquisa científica, além de terem oportunidades de convívio com outros professores e acadêmicos

No interior desta subcategoria, encontramos a descrição de algumas situações bem específicas, como: *reuniões e atividades com professores recorrentes (visitantes); aproximações dos professores e acadêmicos através dos eventos promovidos pelo programa; viagens de estudos e ida a congressos; relacionamento com acadêmicos de outros cursos; articulações profissionais; auxílio do petiano em algumas disciplinas, servindo de “elo” entre discentes e docentes.*

A formação ampliada adquirida no PET pode resultar em intervenções didáticas durante as aulas da graduação, na forma de auxílio do petiano em algumas disciplinas, como vemos a seguir:

*As mudanças principais ocorreram nas minhas intervenções nas disciplinas. O fato de estudar de forma sistemática com o incentivo do PET, ampliou os meus conhecimentos e minhas intervenções tornaram-se mais qualificadas. Isso gerou algo que considero positivo, pois meus amigos(as) e companheiros (as) de turma passaram a contar comigo para auxiliá-los na resolução de alguns problemas com as disciplinas. (depoimento).*

Analisando as respostas que constam nos questionários, dentre os temas recorrentes emerge a categoria de análise a qual denominamos **Formação**, subdividida em *específica* e *ampliada*. A primeira diz respeito a conhecimentos específicos da Educação Física e a segunda se refere aos mais diversos temas que abrangem distintas áreas do conhecimento.

A **Formação Específica** abrangeria os conhecimentos identificadores da Educação Física e contempla as dimensões culturais do movimento humano, técnico-instrumental e didático-pedagógico (cf. Res. CNE/07/2004). Além disto, enquadramos os conhecimentos específicos da área como aqueles necessários à formação para atuação profissional em um campo do “saber”, ou seja, referentes aos conteúdos clássicos da Educação Física brasileira. Os temas recorrentes se referem às unidades de contexto relacionadas à ampliação do conceito de Educação Física e compreensão em toda sua complexidade, à visão política e crítica, à promoção e participação em eventos e com o aproveitamento e a visão do Curso.

Já a **Formação Ampliada** integra as dimensões do conhecimento em relação ao ser humano-sociedade. Os temas emergentes deste ramo da categoria se explicitam, principalmente, nas unidades de contexto que dizem respeito aos conhecimentos que se expandem para além daqueles presentes nas grades curriculares, à atuação em várias instâncias da Universidade (administrativo, burocrático e relações em geral), à articulação entre ensino/pesquisa/extensão, formação humanístico-cultural, ao acesso à pós-graduação e à formação continuada.

A maioria das respostas coloca que a experiência como bolsista favoreceu o desenvolvimento de uma visão mais crítica da realidade social, levando o bolsista a se tornar um questionador. O ser crítico está bastante relacionado a ampliação da visão política e econômica, que de acordo com uma das respostas leva a um conhecimento dos problemas sociais. Quando olhamos o que foi expresso pelos ex-bolsistas podemos concluir que em termos gerais a participação no programa PET contribui em muito para a mudança sobre a visão do curso, tornando-a mais abrangente e colaborando para o entendimento da Educação Física em toda sua complexidade;

atuações políticas e exercício da cidadania assim como a oportunidade de um desenvolvimento acadêmico mais largo.

Enquanto que alguns petianos responderam positivamente quanto ao ingresso e influência do PET em sua formação, tanto específica quanto ampliada, outros contrapõem, inclusive algumas vezes contradizendo em parte seus próprios argumentos. Para exemplificar, recorremos a algumas passagens descritas nos questionários:

*a universidade não consegue dar conta de “formar” cidadãos, ao menos no sentido pesado do termo “formação” (...), mas creio ser ousadia demais querer acreditar que um programa como o PET consiga levar em suas costas um fardo tão pesado para as forças que tem.*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Com base nas respostas advindas dos questionários, torna-se compreensível o diferencial de formação acadêmica e pessoal proporcionado pela experiência petiana. As categorias de análise da pesquisa que emergiram dos depoimentos do ex-bolsistas demonstram que estes reconhecem e concebem como legítima a formação à qual tiveram acesso devido, não unicamente, mas em grande parte, ao PET. Trata-se de uma formação que, embora devesse ser estendida a todo ensino de graduação, é, de fato, ainda diferenciada; afinal, a passagem pelo PET foi o que permitiu, segundo se observa nos dados, maior visualização da área de atuação, assim como uma compreensão ampliada e crítica, de algum modo, do ambiente acadêmico, incluindo o aprendizado de relações interpessoais e de convivência, como pontos a serem destacados.

Para além disso, faz-se necessário observar que o programa é ainda alvo de críticas, que acabam por desencadear reflexões acerca das razões das mesmas, como atesta este trabalho, sob a forma de autocrítica. Assim, o presente trabalho evidencia que, mesmo não estando o PET à espera de reconhecimento irrestrito, ele possui seus méritos e, indubitavelmente, vem acrescentar à formação dos que por ele passam. Em outras palavras, entende-se que a educação tutorial pode se constituir numa alternativa comprovada, ainda que não a única, para a melhoria do ensino e da formação cultural e política, no âmbito da graduação.

### **Referências:**

APPLE, Michael W. *Ideologia e currículo*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, s/d.

MULLER, Angélica. *Qualidade no ensino superior: a luta em defesa do Programa Especial de Treinamento*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

GRUPO PET EDUCAÇÃO FÍSICA/UFSC. Educação tutorial no ensino de graduação: um relato das experiências do Grupo PET Educação Física/UFSC. *Motrivivência*, ano XVI, n. 22, p. 195-204, jun/2004.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. *Resolução CNE/07/2004*. Estabelece diretrizes curriculares para os cursos de formação de profissionais de Educação Física. Brasília: 2004.